

Os Inconfidentes: uma análise do cinema como ferramenta pedagógica.

Magno Costa Souza¹

Resumo

Este artigo tem como finalidade analisar o uso do cinema nacional como ferramenta pedagógica no ensino de História. Com base na lei nº13.006 que obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Investigado de que maneira a linguagem cinematográfica do cinema pode colaborar no ensino aprendizagem em História, através da sua exibição e discussão em sala de aula. O longa *Os inconfidentes* foi a fonte para esta pesquisa, uma análise fílmica que conta a história da Inconfidência Mineira e seu herói Tiradentes.

Palavras chaves: Cinema; Cinema Nacional; Inconfidência Mineira.

Introdução

Sabemos que nos dias atuais as tecnologias estão inseridas cada vez mais em vários campos de nossas vidas. Aparelhos celulares, televisores e computadores são artigos indispensáveis, ferramentas que nos auxiliam em vários aspectos profissionais aos triviais do nosso dia a dia. No contexto educacional esses instrumentos conseguem nos auxiliar nas pesquisas, mostrar imagens, culturas, diminuir distâncias e assim facilita a compreender um assunto, no caso do aluno, a transmissão deste pelo educador. Uma dessas tecnologias que nos permite isso é o cinema, que torna possível uma compreensão que vai além do contexto da educação formal.

O interesse em estudar esse assunto surgiu através da minha própria experiência como discente e, mais tarde, com o estágio do curso, momento em que percebi que o uso de outras linguagens ajudava no entendimento daquilo que era explicado. Isso refletiu na decisão de realizar este trabalho, e registrar as impressões e reflexões realizadas no contexto do projeto de pesquisa "Os Inconfidentes: Uma análise do cinema como ferramenta pedagógica". A presente pesquisa tem como objetivo geral avaliar o uso do cinema e/ou filmes comerciais no ensino de História Colonial brasileira. O artigo se propõe a refletir sobre as possibilidades pedagógicas

¹ Magno costa Souza Graduando no Curso de História pela Universidade Federal de Sergipe. Trabalho desenvolvido sob orientação da profa. Dra. Edna Maria Matos Antônio. Email:magnoufs2011@hotmail.com

que a projeção de um filme na escola oferece. Utilizando como o objeto de pesquisa o filme nacional *Os Inconfidentes* que retrata um dos episódios mais importantes de nossa História, a Inconfidência Mineira. Entendemos que “o cinema é uma experiência cultural importante, assim como a música e a literatura. A escola precisa levar isso em conta e tratar esse trio com igualdade”, diz Marcos Napolitano, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e especialista na utilização de filmes em aula (NAPOLITANO, 2006). Assim, “o cinema, enquanto mídia educativa, possui grande potencial pedagógico uma vez que é muito mais fácil, tanto para uma criança, quanto para um adulto, absorver informações advindas de estímulos audiovisuais.” O filme auxilia o professor a romper com o modelo tradicional de aula baseada na explanação, podendo servir tanto para expor conteúdos quanto para ilustrar conceitos e demonstrar experiências (VESCE, 2013).

Tomando como ponto de partida a utilização do cinema como veículo e ferramenta de ensino-aprendizagem que propicia abordar aspectos culturais, históricos, literários e políticos de um contexto, é importante refletir a visão integral do cinema enquanto mídia educativa. Seguindo como parâmetro o acréscimo na LDB/96 que obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

A História e a lei a lei nº 13.006 e a história do cinema

O cinema, desde seu surgimento, foi considerado por seus idealizadores bem como produtores e diretores, uma poderosa ferramenta para instrução, educação e reflexão humanas. O cinema surge em 1895, no salão Indiano Gran Café em Paris, com sua primeira exibição cinematográfica, primeiramente com projeções que retratam cenas do cotidiano da cidade, feitas pelos inventores os irmãos Lumière. Possibilitado primeiramente com a invenção da fotografia no século XIX pelos franceses Joseph-Nicéphore Niépce e Louis-Jacques Daguerre, que também deve sua existência às pesquisas do inglês Peter Mark Roget e do belga Joseph-Antoine Plateau sobre a persistência da imagem na retina após ter sido vista.

Os primeiros filmes da história do cinema eram bastante simples, filmados ao ar livre e se resumiam em ficções e documentários. Entretanto, vale ressaltar que todas as obras cinematográficas não tinham áudio, apenas a imagem. O cinema falado como conhecemos hoje só foi possível a partir do desenvolvimento do som no final do século XIX. Sendo e somente a partir das três primeiras décadas do século XX que o cinema afirmar-se-ia enquanto arte, sobretudo pela ação de artistas interessados em teatro, mágica (e ilusionismo) e todo tipo

possível de efeito cênico. Um dos principais nomes dessa fase do cinema foi Georges Méliès, que dirigiu “Viagem à Lua”, em 1902, conseguindo com esse filme efeitos visuais verdadeiramente impressionantes para a época. Após os filmes de Méliès, surgiram as produções de D. W. Griffith, nos Estados Unidos, as do expressionismo e do “Movimento de Câmera”, na Alemanha, do surrealismo, na Espanha, e o cinema soviético, sobretudo com nomes como Vertov e Eisenstein. (MORIN. 2014.p. 69-70.)

O aperfeiçoar das habilidades e técnicas com o passar do tempo, possibilitou o avanço do cinema, que foi ganhando formas modernas. Contribuindo dessa maneira fazer com que as obras cinematográficas se tornassem o mais real possível, o homem foi utilizando dos meios tecnológicos para o desenvolvimento dos aparelhos de reprodução das imagens e equipamentos cinematográficos. Atualmente, temos cinemas 3 e 4 D que nos permite ter uma visão em várias dimensões possibilitando assim a quem assisti a sensação de estar dentro do filme. A maior indústria cinematográfica hoje é a americana que teve a sua ascensão logo após a Primeira Guerra Mundial e o declínio do cinema europeu. A consolidação de Hollywood como principal reduto de empresas do ramo cinematográfico se deu a partir da década de 20, com a criação de novos gêneros, como policial, de terror, a comédia, entre outros. Saber como o cinema desenvolveu nos leva a reconhecer que a transmissão e a produção de saberes e conhecimentos não é privilégio apenas da escola, apesar desta ser importante para essa construção.

Entendemos que podem acontecer com outras vertentes e pensar o cinema como uma delas nos faz levar a como ele pode ser aplicado como uma grande ferramenta pedagógica juntamente aqueles com os quais nós também lidamos, só que em ambientes escolares e acadêmicos.

Segundo a análise de Jussara Caetano para o Instituto Paramitas, a exibição de filmes nacionais nas escolas da educação básica faz parte da Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96). A inclusão foi publicada 27 de junho no Diário Oficial da União. O artigo estabelece que seja dedicada pelo menos duas horas mensais a exibição de filmes nacionais nas escolas, como complemento à proposta pedagógica. Sua relevância se dá como um meio de incentivar o acesso à cultura brasileira aos alunos, até mesmo porque há um grande número de filmes com potencial pedagógico e com temas transversais. A mudança também valoriza a produção cinematográfica brasileira que, em geral, produz curtas e longas metragens que têm potencial pedagógico. O Brasil tem uma grande produção de filmes, e somente no circuito comercial em 2013 foram lançados cerca de 120 longas-metragens nacionais, segundo dados da Ancine (CAETANO, 2014).

Para Comolli assistimos hoje a uma luta feroz por duas concepções de espectador: “a primeira que quer a alienação e a submissão do mesmo pela dependência do divertimento e o controle da subjetividade, e a segunda que postula a promessa de maior liberdade e responsabilidade dos sujeitos-espectadores pela intensificação das experiências subjetivas e pela possibilidade de desenvolver uma consciência crítica e criativa.” Ficando claro que toda diminuição do cinema ao contexto entretenimento retira o próprio cinema da cena educacional. (FRESQUET, 2014, p. 09).

O emprego das obras cinematográficas como recurso para complementar o conteúdo aplicado em sala de aula ou para sensibilizar os alunos tem sido bastante utilizado. No entanto, se não for bem pensado, esse recurso pode desviar os alunos do objetivo e deixá-los ainda mais dispersos e desinteressados. Querer o cinema como possibilidade de aumentar a visão de conceitos, tornando os comuns aqueles não pertencentes, não apenas com o intuito de expor aos jovens o que as culturas do mundo e sim fazer com que a escola proporcione a arte aos alunos. Promovendo o encontro deste com filmes e outros materiais audiovisuais, que trazem o retrato distinto do mundo, ao invés de conteúdos voltados apenas pelas necessidades de transformação social. Como diz Rosália Duarte “o cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”, contribuindo com a identificação e fazendo uma mesma situação ser vista e entendida de formas diversas; por isso a importância em saber escolher o filme a ser exibido.

Ou seja, se o envolvimento do espectador com as obras audiovisuais

“não é passiva e as narrativas não têm o poder de, inventar pensamentos, ideias e opiniões e se o ambiente cultural desempenha papel importante na significação delas para evitar efeitos negativos que possam advogar dessa relação seria mais eficiente investirmos nos enriquecimentos, na pluralidade e na diversificação da atmosfera cultural dos espectadores do que censurar e criticar suas escolhas e preferências” DUARTE, 2002, p. 98)

A introdução de novas ferramentas metodológicas nos procedimentos de ensino é necessária e neste caso o cinema é a ferramenta ideal. (DUARTE, 2002, p. 107).

O contexto histórico da produção do filme.

O filme *Os Inconfidentes* é de Joaquim Pedro de Andradeⁱ foi lançado no ano de 1972, e retrata o período da Inconfidência Mineira. Um dos momentos mais importantes da História do país deflagrado em Minas Gerais, onde grande parte da população mineradora vivia em estado de grande pobreza. Situação essa acentuada com o declínio da exploração do ouro,

durante a segunda metade do século XVIII. Indiferente a essa situação o governo da metrópole continuou exigindo pesados impostos dos mineradores, atribuído a queda na quantidade do ouro ao contrabando, provocando um clima de tensão e logo em seguida a revolta tomou conta dos proprietários das minas de ouro quando o governador da capitania, Visconde de Barbacena, anunciou uma nova derrama. Os membros da elite e colonos mineradores começaram a planejar um movimento contra as autoridades portuguesas e a cobrança forçada dos impostos atrasados.

A Inconfidência Mineira, como o movimento ficou conhecido, teve boa parte de seus líderes intelectuais influenciados pelo pensamento iluminista europeu e inspiravam-se também nos ideais que incitaram a independência dos Estados Unidos em 1776 e a Revolução Francesa em 1789.

Como o movimento não tinha propostas de condições melhores de vida para a população em geral não teve participação popular e sem esse apoio, sem armas nem tropas, os inconfidentes não tinham como chegar ao poder. O movimento foi traído por Joaquim Silvério dos Reis ao denunciar ao governador de Minas Gerais em troca do perdão de suas dívidas junto à Fazenda Real. Tendo conhecimento da conspiração que se tramava, a derrama foi de imediato suspensa e tropas foram enviadas para a captura dos envolvidos. Capturados estes, foram julgados e condenados a sentença de morte. Revisada em seguida pela rainha de Portugal D. Maria I para degredo perpétuo em colônias portuguesas da África. Somente Tiradentes, único participante da Inconfidência Mineira que teve mantida sua sentença de morte. Como observado:

(...) condenam o réu Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, (...) a que (...) seja conduzido pelas ruas públicas ao lugar da forca, e nela morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada à Vila Rica, onde no lugar mais público será pregada em um poste alto até que o tempo a consuma; o seu corpo será dividido em quatro quartos e pregados em postes pelo caminho de Minas (...) (LARA, 1992)

O longa foi lançado em 1972 no período em que o Brasil foi governado pelas forças militares, entre os anos de 1964 a 1985. Com a chegada dos militares ao poder, em 1964, foi estabelecido um período de intensa violência e repressão no país. Foram 21 anos guiados pelo golpe de Estado que derrubou milhares de pessoas, homens e mulheres, jovens, adultos e idosos que foram perseguidos e presos. Direitos políticos foram cassados e pessoas obrigadas a se exilar no exterior. Outras tantas torturadas e mortas. A vida política do Brasil passou a ser regida por dispositivos autoritários que restringiam a liberdade, censuravam os meios de comunicação e concentravam o poder nas mãos do governo militar.

O primeiro dispositivo, o Ato Institucional número 1, AI-1, de 9 de abril de 1964, foi elaborado pelo Comando Supremo Revolucionário, a junta militar que passou a governar o país enquanto não era escolhido o novo presidente da República. O AI-1 instituiu a eleição presidencial indireta, concedeu ao presidente o direito de decretar estado de sítio sem aprovação prévia do congresso, suspendendo assim temporariamente a estabilidade de todos os funcionários públicos e autorizou o governo a cassar mandatos de parlamentares e suspender os direitos políticos por dez anos, sem direito a apelação judicial. Por meio do AI-1 o governo divulgou uma lista dos cem primeiros cassados pelo regime. “Exatamente em cem dias, mais de mil e quatrocentos funcionários públicos foram afastados dos cargos, professores universitários foram aposentados compulsoriamente, sindicatos passaram por intervenção e a União Nacional dos Estudantes foi declarada ilegal pelo governo militar, sua sede no Rio de Janeiro foi invadida e incendiada.” (AZEVEDO, 2010,p.310-315).

A perseguição aos contrários ao regime atingiu em seu o ponto máximo poder ditatorial e da violência contra a sociedade no governo Médici, período no qual o filme *Os Inconfidentes* foi lançado. No governo Médici, período de 1969 a 1974, sendo conhecido como anos de chumbo, onde os direitos fundamentais do cidadão foram suspensos. As torturas e assassinatos praticados nos órgãos de segurança como o DOPS Departamento de Ordem Política e Social, eram mais cruéis do que os utilizados por Vargas no Estado Novo. Assim,

“Qualquer um que se opusesse ao governo podia ser preso. Nas escolas, nas fábricas, nos teatros, na imprensa sentia-se a mão de ferro do autoritarismo. Para divulgar seus projetos para o país, o governo militar utilizou-se, em grande medida, da televisão, que ampliava consideravelmente sua importância como veículo de comunicação social”. (FAUSTO, 2001, p. 484).

Foi neste contexto que chega a censura, que controlava além de todos os meios de comunicação a vida pessoal e cultural das pessoas. Segundo Olivieri a censura, entende-se na época como o exame a que são submetidos trabalhos artísticos ou informativos, com base em critérios morais ou políticos, para avaliação sobre a conveniência de serem liberados para apresentação ao público em geral. (OLIVIERI, 2008).

A censura também era usada pelo governo, que gastava muito com propaganda para encobrir a violência e disfarçar sua imagem junto ao povo. A propaganda foi facilitada pela rápida expansão do sistema eletrônico de comunicações. O golpe militar de 1964 ocorreu num momento em que o cinema brasileiro vivia sua fase mais criativa e diversificada, conquistando um amplo reconhecimento no exterior. “O movimento do Cinema Novo ⁱⁱ tinha assumido para si a tarefa de levar para as telas as utopias e contradições da realidade brasileira, com foco na

realidade social, por meio de uma linguagem inovadora e ousada.” A partir de então, o cinema, principalmente os diretores ligados ao Cinema Novo e ao Cinema Marginal, procurou compreender a modernização brasileira, a violência política que se instalou, e o papel dos intelectuais e da classe média diante da nova realidade política. (PINTO,2017)

Conforme assinala Pinto,

“justo quando os jovens cineastas viviam sua fase mais criativa, gravando o nome do Brasil na história do cinema mundial, veio o golpe de Estado.” Os vários caminhos cinematográficos para se chegar ao levante socialista deu lugar à apresentação questionadora da derrota. (...)O Cinema Novo tinha conseguido um reconhecimento inédito para o cinema brasileiro, consagrado em festivais considerados artísticos, como Veneza e Cannes.” (PINTO, 2017).

Agradando o público e estudantil e intelectualizado, o movimento ainda exigia atingir uma maior parte do público de classe média no Brasil.

Os militares como não conseguiram abafar o cinema brasileiro, este já cercado pela indústria americana resolveu apoiar, para impedir que este se mostre radical ao regime. Um verdadeiro paradoxo, ao mesmo tempo que apoiava, censura fortemente. Para romper com o controle militar inaugura-se a era da metáfora e alegoria período onde o cinema se utilizava das cenas e diálogos com duplo sentido, para fazer uma crítica à ditadura e não correr o risco com perseguições e confisco do material produzido (PINTO,2017). Durante a ditadura militar a censura possibilitou aos militares por meio da filtragem e da interdição de obras, moldar a produção cultural do Brasil. Os militares vendiam como verdade somente as versões com conteúdo manipulado. E este processo afetou a formação de gerações inteiras, dividindo a produção cultural do país e a formação do povo. A censura foi importante para a manutenção e o fortalecimento do regime ditatorial, para que este destruísse a identidade cultural do país.

O Filme

Joaquim Pedro de Andrade foi o diretor do filme *Os Inconfidentes* lançado em 1972 é uma coprodução brasileira e italiana, considerada hoje pela crítica como um dos melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Os roteiristas por motivo da censura não podiam construir um filme com linguagem clássica, ou seja uma narrativa direta, principalmente com temática histórica, pela falta de liberdade no período militar. Como o diretor já constava na lista de *persona non grata*ⁱⁱⁱ para o sistema ditatorial da época, o risco de ser apanhado pelo regime autoritário militar era grande, logo para se esquivar destes, os produtores do longa

muniram-se da linguagem alegórica que constituía-se na construção narrativa de duplo sentido com diálogos e atuações teatrais, onde a verdadeira mensagem não fosse perceptível aos olhos dos militares. Como observou SANTIAGO “O filme *Os Inconfidentes* trata-se de uma metáfora, uma crítica ao regime da ditadura militar” (2008)

O longa foi lançado em 1972, o ano de comemoração dos 150 anos da Independência do Brasil e de vivência do período ditatorial sob o governo de Emílio Garrastazu Médici (30/10/1969 a 15/03/1974), marcado, pela forte intensificação da repressão política e da censura aos meios de comunicações e “os cineastas brasileiros ainda se recuperavam do impacto do golpe de 1964, quando lançou o A.I. 5” (SANTIAGO, 2008)

“[...] Um ponto a se destacar de *Os inconfidentes* é a representação da história. *Os Inconfidentes* denuncia o espetáculo; para Joaquim Pedro, a representação da história é possível, desde que se afirme não como história mas como representação. A encenação do filme, a interpretação dos atores explicitam que o filme é um artifício, não um pedaço de história que teria chegado até nós. Na sequência final, em que são confrontadas a história e a comemoração da história (festejos de 21 de abril), ficam claros tanto o artifício do espetáculo como a relação história/presente” (ADAMATTI, p. 21, 04/04/1975).

O filme foi inteiramente gravado em Ouro Preto, Minas Gerais e utiliza como referência o livro *Autos da Devassa de Alvarenga Peixoto*, Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, coleção dos documentos levantados nos processos contra os inconfidentes. O livro *O romanceiro da Inconfidência*, da escritora brasileira Cecília Meireles, também foi usado como referência. Sua trilha sonora é composta pela *Aquarela do Brasil*, e a canção *Farolito*, de Agustín Lara e João Gilberto. Restaurado, foi lançado em DVD pela Vídeo Filmes, e em 2015 o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema a Abraccine, como um dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Com elenco formado pelos atores José Wilker, Fernando Torres, Paulo César Peróio, Nelson Dantas, Carlos Gregório, Luiz Linhares e Carlos Kroeber. *Os Inconfidentes* é um filme que trata basicamente de uma crítica ao regime do golpe militar brasileiro, utilizando como tem a *Inconfidência Mineira* como plano de fundo, roteiro de Joaquim Pedro de Andrade e Eduardo Escorel, é um filme barato com linguagem debochada e teatral.

Apesar de não representar a História como realmente aconteceu, é considerado hoje como a melhor adaptação cinematográfica da *Conjuração Mineira*, um dos maiores exercícios de reflexão histórica já realizado. O longa mostra os inconfidentes como grandes personagens principais da luta armada, projetos fantasiosos que desnor-teiam nas suas ilusões de conquista do poder, separados da população trabalhadora, que no filme é representados pelos escravos, e

com seus discursos vagos, “é um retrato ambíguo dos líderes do movimento que nunca chegou à ação” (DUARTE, 2012).

A história se passa nos bastidores da Inconfidência e tem seu ápice no momento da prisão, tudo discorre numa linguagem poética e satírica. Seu início ocorre num emaranhado de cenas que exibem o futuro de alguns personagens como Doroteu - que não aguentando a pressão se suicida na prisão - e Cláudio -seguido ao seu degredo, sentença ao qual lhe foi incubido nas colônias portuguesa na África - com Aquarela do Brasil tocando ao fundo os créditos são apresentados e tem seu fim com a imagem da carne ensanguentada, imagem que repetisse ao final do filme com o acréscimo da mosca que pousa sobre esta, supostamente carne de Tiradentes, mas na verdade é uma analogia ao o sangue das vítimas daqueles que lutaram contra o Golpe Militar, onde seu líderes são representados pelo inseto.

Os personagens são apresentados em seguida por meio a declarações poéticas, cantando emoções e sentimentos íntimos, escondendo atrás o sentido político, a um modo, como se conversasse com o espectador. Um ponto interessante, a figura do Tiradentes não é o foco principal do longa, ele acaba aparecendo em apenas três momentos distintos; numa das cenas iniciais do filme onde ele esbraveja seu descontentamento com o povo que aceita o domínio português - claramente fazendo correlação ao momento político a época de seu lançamento, onde a maioria população não lutava contra o golpe, a maioria eram estudantes e intelectuais que se engajou na luta armada - servindo se nessa sequência como ponte ao personagem o Joaquim Silvério dos Reis, que ao saber das convicções de Tiradentes resolve delata-lo ao Visconde e, no momento seguinte a prisão após o grupo ser denunciado e com todos os inconfidentes renegando a culpa e atribuindo está a Tiradentes, que tem sua última aparição no enforcamento.

Os Inconfidentes têm seu fim com a Rainha Maria de Portugal numa aparição épica concedendo a sentença para os inconfidentes, que implorando, rastejam aos seus pés pedindo perdão. Tiradentes é o único sentenciado à morte por enforcamento e esquartejado em seguida. Os demais receberam o degredo perpétuo ou temporário nas colônias portuguesas da África. Os Inconfidentes é um filme que trabalha em dois momentos distintos, o atual e o passado. Joaquim mostra isso no final com o uso da metáfora, quando Tiradentes é enforcado, ele cai no futuro “com uma sobreposição de alegorias com cenas documentais dando oportunidade ao espectador criar sua própria visão do passado que é ali visto, o diretor deixando claro que seu filme é menos sobre o passado em si, mas como este permanece vivo no presente” (JUNIOR, 2008).

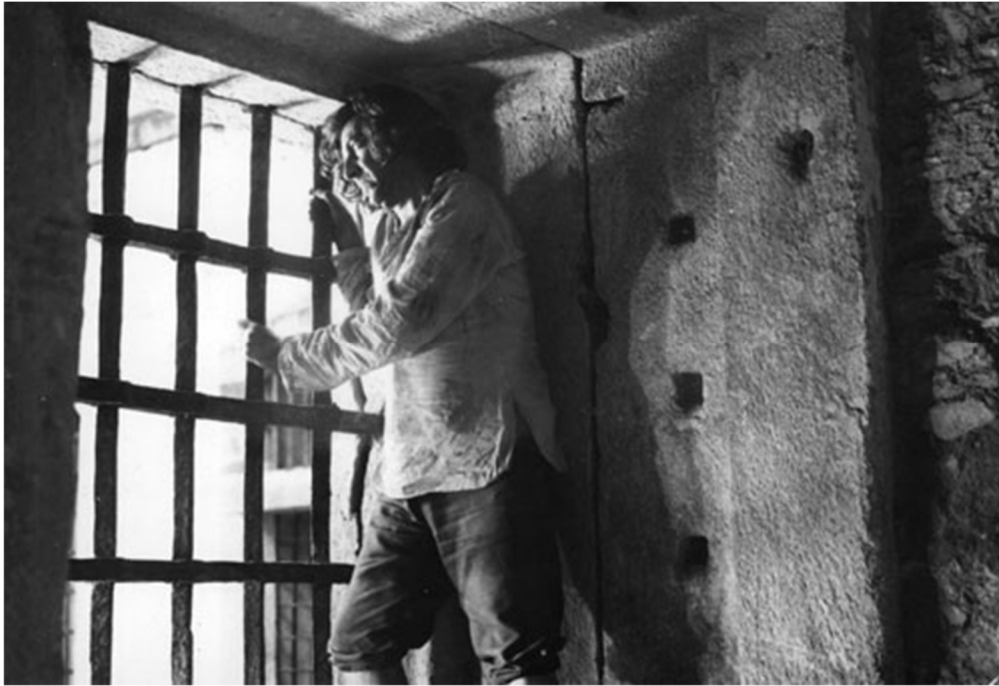


Foto 1: <http://depoisdaquelefilme.blogspot.com.br>

Os Inconfidentes como ferramenta pedagógica

A temática desse artigo é a discussão da utilização de filmes como recurso pedagógicos, neste caso específico, nas aulas de História. Seu uso como auxílio na explicação de um conteúdo, faz com que o aluno sinta se inserido mais facilmente naquele contexto, promovendo a interação dos estudantes com a matéria. Contudo devemos prestar atenção e explicar ao estudante, que nem tudo aquilo que se vê nas tela é a verdade absoluta. Muitas histórias são montadas, criadas para que a narrativa conquiste a atenção do público, vários são os longas que reproduzem o passado, suas roupas, os cenários, porém a mentalidade dos personagens e a linguagem destes remetem ao espaço temporal a que pertencem. Além de refletir o olhar do diretor sobre os fatos.

Nesse sentido, concordamos com o que diz Marcos Napolitano que devemos lembrar que os “filmes documentários ou filmes ficções não devem ser exibidos sem planejamento, sem preparação da atividade, sem que se tenha a clareza sobre seus objetivos. Além disso, o cinema exige um tratamento diferente do texto escrito,” entendendo que é uma linguagem audiovisual plural e que pode ser interpretada de diversas formas. Precisamos levar em conta as capacidades, a faixa etária e os conteúdos. Somente o professor será capaz de julgar a adequação, levando em conta a idade, mas também fatores de ordem social, cultural, econômica e religiosa da turma. (NAPOLITANO, 2011)

Os Inconfidentes é um filme no qual devemos ter cautela, o vantajoso número de informações pode sobrecarregar e confundir o discente. Acredito por exemplo que a exibição deste por completo no ensino fundamental, não seja adequado, a linguagem rebuscada e as imagens fortes podem e emaranhar os pensamentos deste. Sendo ideal por questão de contextualização e desconstrução de mitos heroicos, a exibição do fragmento da fita a partir dos 12 aos 24 minutos, onde são retratados os inconfidentes confabulando a revolta e o traidor deles confessando os planos ao visconde. Seguindo de uma atividade em que os alunos poderiam analisar como os distintos rostos de Tiradentes são pintados nas gravuras dos livros e discutir se ele pode ser ou não considerado um herói.

Os Inconfidentes como ferramenta no contexto de aprendizado no ensino médio têm sua aplicação mais ampla, pois abrange os conteúdos Brasil Colônia e Ditadura Militar. Relembrando que o longa trata-se de uma metáfora, uma crítica ao golpe onde se usa da conjuração como plano de fundo e com elementos ficcionais inseridos no enredo, não é uma representação fiel do contexto histórico. Ao mesmo tempo, a obra cinematográfica consegue disseminar conteúdo, como por exemplo a partir dos quatro minutos iniciais da fita, sequência em que mostra quem são os verdadeiros incomodados com os altos custos dos impostos cobrados e a pressão exercida pela coroa portuguesa, neste caso, os donos das mineradoras e a alta classe, que também passava nesse momento pela queda na produção aurífera.

Entre os rompantes poéticos e delírios sobre a possibilidade de independência, a fita continua com os intelectuais Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Cláudio Manoel da Costa com toda sua altivez declamando versos com atuações em espaços planos onde os personagens aparentam interagir com o espectador. Essa sequência pode ser usada em sala para explicar como ocorreu o levante, pois o longa exibiu neste tempo da narrativa os bastidores da Inconfidência Mineira. A partir deste momento o filme pode ser usado como ferramenta para os conteúdos sobre a ditadura militar. Uma vez que apresenta diálogos esse com enfoque político disfarçados, como nos momentos que compreende o trecho do onze aos quarenta e nove minutos, sequência que narra os inconfidentes enquanto ensaiavam a grande tomada do poder das mãos da corte portuguesa, e no segundo momento quando disseram que o poder não pode ficar com os militares. Visivelmente uma menção ao golpe ditatorial, que não foi entendido pelos próprios e deixaram passar sem sofrer a censura.

O figurino e cenários tiveram grande importância, na concepção do filme, o primeiro foi respeitado como os usados na época, com o intuito chamar a atenção para o personagem e

ressaltar a mensagem deste. Os cenários foram usados com a finalidade de provocar escárnio “o tom é teatral, por vezes farsesco, a estrutura, com planos longos cujo intuito seja quase sempre o anti-discurso e a sátira” (AMARAL,2000). Percebemos isso nos momentos onde, os personagens de “Tomás Antônio Gonzaga e o Vice-Rei das Minas Gerais caminham de frente para a câmera e discutem a cobrança de impostos na medida em que movimentam se abre o plano que teoricamente funcionaria como algo grandioso, mas que na verdade é uma grande ironia às articulações da Inconfidência Mineira” (AMARAL,2000).

Um outro ponto em que poderíamos trabalhar em sala de aula aparece no segmento final do filme, o jeito como são investigados os inconfidentes, pedindo que os alunos apontem as semelhanças no modo como os interrogatórios são aplicados no filme com os acontecidos na ditadura. O filme termina com Tiradentes e os inconfidentes recebendo suas sentenças pela própria Rainha Maria de Portugal, uma das alegorias do longa, a rainha não esteve no Brasil para empregar a sentença. Os inconfidentes receberam a sentença de degredo perpétuo ou temporário, Tiradentes foi condenado a forca. Enforcado como mártir, numa cena de parada cívica ao som de Aquarela do Brasil, comemorando em Ouro Preto o feriado de 21 de Abril, dia de Tiradentes, “seguido de várias fotos de governantes e políticos brasileiros como Jânio Quadros, Costa e Silva, um contraponto que serve como a grande metáfora a uma época em que a liberdade era restrita” (AMARAL,2000). Os Inconfidentes é um filme que tem o objetivo de interpretação crítica de um momento histórico.

Conclusões

O tema analisado neste artigo Os Inconfidentes: Uma análise do cinema como ferramenta pedagógica, possibilitou um estudo crítico deste objeto pedagógico, o cinema. Refletindo sobre o potencial deste no ensino de História. Os inconfidentes foi o filme escolhido por sua repercussão na época de seu lançamento, pela sua abordagem da questão social e por sua técnica. O filme revela-se relevante pedagogicamente, em razão da possibilidade de se trabalhar o discurso crítico sobre a realidade social em que o Brasil vivenciava, o Golpe Militar, mascarado na narrativa da História de Tiradentes. Oferecendo se como um recurso pedagógico ideal no contexto do ensino fundamental e médio. Trabalhando com atividades que empregam o debate, refletindo e fazendo ligação com o tempo atual, conscientizando para que atitudes passadas não torne vigentes no momento presente. E com aplicação de exercícios de análises críticas sobre a construção de mitos e desconstrução deste. Com este artigo aprendi que o cinema não pode ser executado sem nenhum objetivo definido, que os professores devem se

preparar para a utilização de alguns recursos. Pois todo recurso tecnológico é benéfico ao ensino, seja uma arte, cinematográfica, ou mesmo celular. O necessário saber onde se quer chegar.

ABSTRACT:

This article aims to evaluate the use of national cinema as a pedagogical tool in the teaching of History. Based on Law No. 13,006, which obliges the exhibition of national production films in primary schools. Investigated in what way the cinematographic language of cinema can collaborate in teaching learning in History, through its exhibition and discussion in the classroom. The Long Unconfidents will be the source to be present research, a film analysis film national, which tells the story of Minas Gerais inconfidence and its hero Tiradentes.

Keywords: Cinema; National Cinema; Inconfidência Mineira.

Notas

2. Joaquim Pedro de Andrade cineasta brasileiro (1932,RJ-1988), famoso por sua técnica e também dirigiu um grande sucesso brasileiro Macunaíma.
3. Cinema Novo é um movimento cinematográfico brasileiro, que foi fortemente influenciado pelo neorrealismo italiano e pela Nouvelle Vague francesa, com reputação internacional. Tinha como proposta ser diferente em seu conteúdo e forma, inspirado pelo neorrealismo italiano e pela nouvelle vague francesa. A intenção principal do movimento era discutir a realidade brasileira em seus diversos aspectos, o envolvimento com a problemática da realidade social de um país subdesenvolvido, filmada de um modo subdesenvolvido, e a agressividade, nas imagens e nos temas, usada como estratégia de criação, definiram os traços gerais do Cinema Novo. (MASCARELLO, 2012)
4. Joaquim Pedro estava na lista de suspeitos da ditadura militar (ADAMATTI,2012).

Referências

COTRIM, Gilberto-Brasil e Geral. Volume único/ Gilberto Cotrim.-8.ed.- São Paulo: Saraiva, 2005.

FAUSTO,Boris(org.). História Geral da civilização brasileira. São Paulo, Difel, 1985.v.9._.História do Brasil.9.ed. São Paulo, Edusp, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A Cultura da Mídia na Escola. Ensaios Sobre Cinema e Educação. São Paulo: Annablume, 2004.

DUARTE, Rosália. Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marco. Como usar o cinema na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008

.MODRO, Nielson Ribeiro. Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula. Joinville, SC: UNIVILLE, 2006.

AZEVEDO, Gislane Campos. História em Movimento: Ensino Médio/ Gislane Campos Azevedo, Reinaldo Seriacopi. São Paulo: Ática, 2010.

Escola Viva: Programa de pesquisa e apoio escolar: O tesouro do estudante. -1. ed. São Paulo: Meca. 2008.

ADMATTI, Margarida Maria. Crítica de cinema e política: o filme histórico nos jornais alternativos Opinião e Movimento. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, UFRGS, v. 19, n. 36 Dezembro, 2012.

LARA, Silvia H. Pátria amada esquartejada. São Paulo, DPH/SMC, 1992.

PINTO, Leonor E. Souza. O cinema brasileiro face à censura imposta pelo regime militar no Brasil – 1964/1988. Disponível em: < <http://www.memoriacinebr.com.br/> > Acessado em :28/02/17.

OLIVIERI, Antonio Carlos. Censura: O regime militar e a liberdade de expressão, 2008. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/censura-o-regime-militar-e-a-liberdade-de-expressao.htm#fotoNav=15>> Acessado em: 27/12/16.

VESCE, Gabriela E. Possolli. Relação entre Cinema e Educação, 2000. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/relacao-entre-cinema-e-educacao/>> Acessado em: 21/01/17.

CAETANO, Jussara. Instituto Paramitas, 2014. Disponível em: < <http://institutoparamitas.org.br/web/noticias.php?id=5513> > Acessado em: 21/01/17.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação a lei 13.006, 20014. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/portal/livros/Cinema%20e%20eduCa%C3%A7%C3%A3o%20a%20lei%2013.006.pdf>> Acessado em: 21/01/17.

DUARTE, Rogério. Os Inconfidentes, 2012. Disponível em: <<http://cantodocinefilo.blogspot.com.br/2012/12/os-inconfidentes-joaquim-pedro-de.html>> Acessado em: 21/01/17.

Apêndices

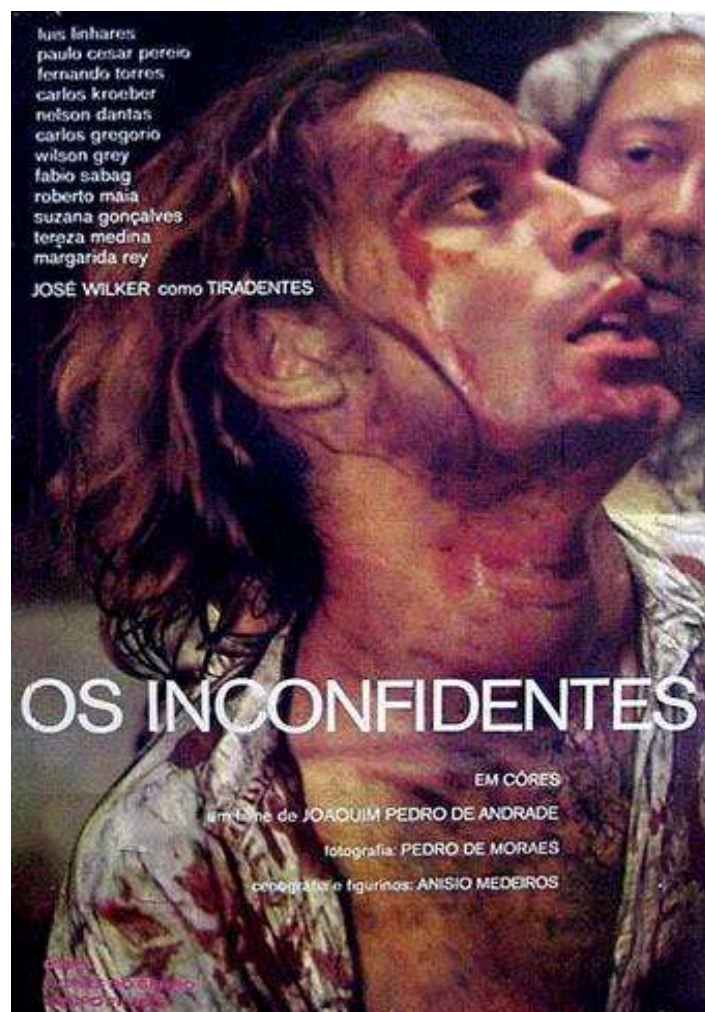


Foto 2

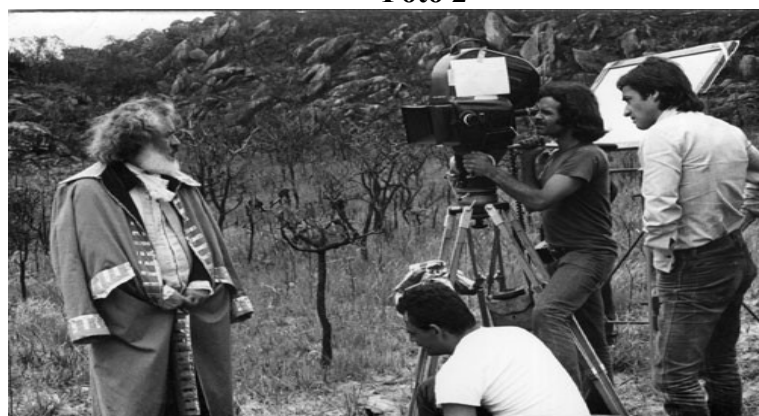


foto3



Foto4

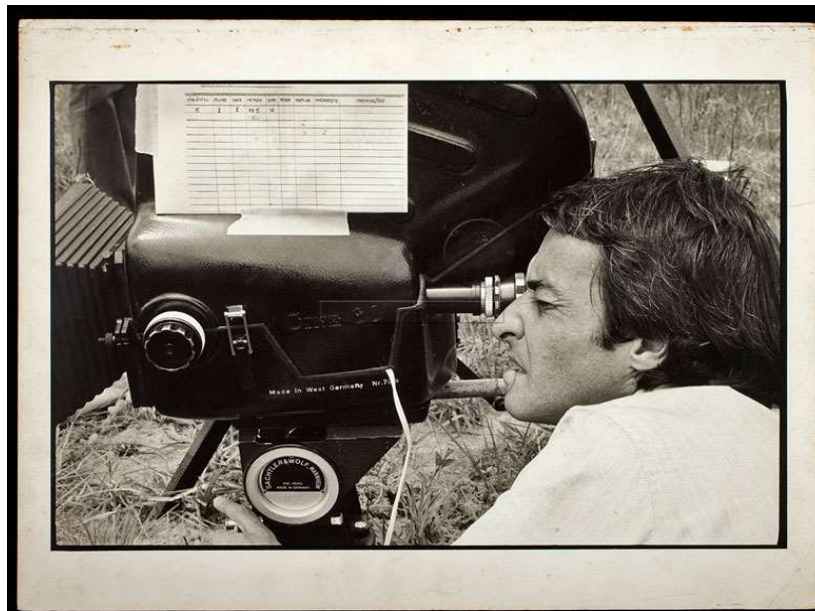


foto 5



Foto 6



foto 7



Foto 8



Foto 9

Fonte das imagens 2-9: cinemateca.gov.br

Ficha técnica de Os Inconfidentes.

Categorias: Longa-metragem / Sonoro / Ficção

Material original 35mm, COR, 82min, 2.250m, 24q, Eastmancolor, 1:1'37

Data e local de produção

Ano: 1972

País: BR

Cidade: Rio de Janeiro/Ouro Preto MG

Estado: GB

Data e local de lançamento

Data: 1972.05.01; 1972.05.01

Local: São Paulo; Rio de Janeiro

Gênero: Drama **Termos descritores:** História; Literatura

Descritores secundários: Inconfidência Mineira; Tiradentes **Termos geográficos:** MG

Prêmios:

Prêmio Air France de Cinema, 6, 1972 de Melhor Filme.

Prêmio Golfinho de Ouro, 1972, do Museu da Imagem e do Som, RJ.

Prêmio Comitê de Artes e Letras no Festival Internacional de Veneza, 33, 1972 - IT.

Prêmio APCA, 1972, SP, Troféu Carlitos, de Melhor Filme.

Produção: Companhia(s) produtora(s): Filmes do Sêrro

Companhia(s)/produtora(s) associada(s): Grupo Filmes; Mapa Filmes S.A.

Direção de produção: Carlos Correia, Alberto Prates

Produtor associado: Mapa Grupo Filmes

Assistência de produção:, Milton Gontijo; Vitorino Dias, Jair Fonseca, Mário Almeida, Alvaro Freire

Distribuição:Companhia(s) distribuidora(s): Mapa Filmes; Embrafilme - Empresa Brasileira de Filmes S.A.

Argumento/roteiro: Roteiro: Joaquim Pedro de Andrade; Eduardo Escorel

Estória: Baseada em diálogos retirados de “O Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meirelles; nos “Autos da Devassa” e em versos de Thomaz Antonio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e Inácio José de Alvarenga Peixoto.

Direção: Andrade, Joaquim Pedro de

Assistência de direção: Loureiro, Gilberto

Direção de fotografia: Pedro de Moraes

Assistência de fotografia:, José Antonio Ventura

Câmera: Pedro de Moraes

Dados adicionais de fotografia

Eletricista: José Dias **Assistente de eletricista:** Jamil Lopes de Souza

Som/Direção de som: Juarez Dagoberto da Costa

Técnico de som: José Tavares, Victor Raposeiro,

Som direto:, Juarez Dagoberto

Montagem: Eduardo Escorel

Assistente de montagem: Amauri Alves

Direção de arte Figurinos: Anísio Medeiros

Guarda-roupa: Marise Guimarães

Cenografia: Anísio Medeiros

Letreiros: Gilberto Loureiro

Dados adicionais de direção de arte

Penteados: Dulce Orozco

Vestuário: Anísio Medeiros

Música/Música:, Marlos Nobre

Dados adicionais de música/ Título da música: Aquarela do Brasil; **Música de:** Ary Barroso;

Intérprete(s): Antonio Carlos Jobim; **Título da música:** Farolito **Música de:** Augustin Lara,

Intérprete(s): João Gilberto **Localização:** Ouro Preto – MG. **Identidades/elenco:** José Wilker(Tiradentes), Luís Linhares (Tomás Antonio Gonzaga), Paulo Cesar Peréio (Alvarenga Peixoto), Fernando Torres (Claudio Manuel da Costa), Carlos Kroeber (Coronel Francisco de Paula) Nelson Dantas (Padre Toledo), Carlos Gregorio(Maciê), Fábio Sabag (Visconde de Barbacena), Wilson Grey (Joaquim Silvério dos Reis), Roberto Maya (Inquisidor), Margarida Rey (Rainha de Portugal, Maria I), Tereza Medina (Barbara Heliodora), Suzana Gonçalves (Marília)

Identidades/elenco: Salles Zorah, Ricardo Teixeira de Silva, Benedito Pereira, Marília Fernandes, Orlandino Seitas Ferreira, Helvecio Vieira, José Aurélio

Observações:

Censura 10 anos; distribuição internacional pela R.A.I. - TV italiana sob o título de La Congiura, logo após o lançamento nos cinemas o filme foi exibido na televisão pela rede Globo. ACPJ/II acrescenta o gerente de produção Carlos Correa; figurinos de Teresa Nicolau, e a distribuição da Servicine. Jornal da Tarde, 18.01.1972, informa que o filme custou 500 mil cruzeiros, conseguidos com um adiantamento da Rádio e TV italianas, que comprou os direitos de exibição no exterior. O filme foi feito sem nenhuma participação do Instituto Nacional de Cinema, da Embrafilme ou do Ministério da Educação. E que, segundo o diretor, a recusa de apoio se deu por “acreditar-se tratar de uma visão da Inconfidência que não coincide com a versão oficial.”

Conteúdo examinado: Fontes utilizadas: CB/Transcrição de letreiros-CatCB/FIBRA

i.
ii
iii